

se trata de forasteiros que vêm desestabilizar a vida local» (p. 224). Mais interessante é o que diz sobre o crime típico, o qual nunca será, em Portugal, idêntico ao que ocorria, por essa altura, nas sociedades industrializadas. Na Europa do Norte, o crime contra a propriedade vinha à cabeça da lista; em Portugal, o lugar era ocupado pelos atentados contra as pessoas. Na sua simplicidade, esta obra contém informações úteis para qualquer historiador do período. Utilizando estatísticas, textos ensaísticos, legislação e relatórios, a autora dá-nos uma visão da forma como evoluiu o crime oitocentista e as suas representações. Esperemos que, em futuros trabalhos, ela possa aprofundar alguns dos temas — a eventual politização da classe dos juizes, a sua composição social, a forma como funcionava o júri, a questão dos testemunhos falsos — abordados na sua tese e que consiga usar, com outra profundidade, os jornais do período, um manancial riquíssimo para analisar, mesmo que de forma impressionista, o tipo de crimes mais frequentes.

*Maria Filomena Mónica*

*Hermínio Martins*, **Hegel, Texas e Outros Ensaios de Teoria Social**, Lisboa, Edições Século XXI, 1996.

*Hegel, Texas e Outros Ensaios de Teoria Social* é a primeira obra im-

portante, em formato de livro, que dá a conhecer em Portugal parte do trabalho e do pensamento de Hermínio Martins. Hermínio Martins nasceu em 1934, na então Lourenço Marques (hoje Maputo), tendo-se deslocado, em 1952, para Inglaterra, onde continua a viver. Licenciado em Economia pela London School of Economics, razões políticas obrigaram-no a continuar em Inglaterra. A sua vida universitária teve início na Universidade de Leeds, tendo trabalhado depois na Universidade de Essex (onde participou na fundação do Departamento de Sociologia), e nos EUA, nas Universidades de Harvard e da Pensilvânia. Hoje encontra-se radicado na Universidade de Oxford, no St. Antony's College.

*Hegel, Texas e Outros Ensaios de Teoria Social* compõe-se de três partes e está estruturado em quatro longos ensaios, que, tal como grande parte dos escritos de Hermínio Martins, integram vários livros organizados por si e por outros autores. As duas primeiras partes do livro contêm um ensaio cada uma e a terceira dois ensaios. O primeiro estudo, de 63 páginas, intitula-se «A revolução 'kuhniana' e as suas implicações para a sociologia» e foi publicado, originalmente, em 1972, na obra de A. H. Hanson, T. Nossiter e Stein Rokkan (orgs.), *Imagination and Precision in the Social Sciences — Essays in Memory of Peter Nettl* (Londres, Faber). O segundo ensaio, de 77 páginas, intitula-se «Tempo e teoria na sociologia» e faz parte do livro, de 1974, organizado

por John Rex, *Approaches to Sociology — An Introduction to Major Trends in British Sociology* (Londres, Routledge and Kegan Paul). O texto, de 31 páginas, «Hegel, Texas: temas de filosofia e sociologia da técnica» foi publicado, em 1993, na obra organizada por H. Martins *Knowledge and Passion — Essays in Honour of John Rex* (Londres, I. B. Tauris). O último estudo, de 50 páginas, «Tecnologia, modernidade e política», é publicado pela primeira vez na obra em referência, embora venha a integrar também o livro organizado por J. Good e Irving Velody, *The Politics of Post-Modernity* (Cambridge, Cambridge University Press).

Como se vê, o título do livro de Hermínio Martins editado em Portugal é retirado, em parte, do primeiro ensaio da terceira parte da obra, dando entrada a dois textos explicitamente dedicados a um dos maiores interesses actuais do autor, a filosofia e sociologia da técnica, de que é, de resto, um reputado investigador. Não obstante, a nossa hipótese de leitura do conjunto do volume sublinha a importância decisiva de «Tempo e teoria na sociologia» por quatro razões principais. Porque se trata de um estudo fundamental para caracterizar o estado da sociologia e da teoria sociológica contemporânea; porque dá a conhecer a forma como Hermínio Martins se situa no campo de reflexão epistemológica das ciências sociais; porque apresenta talvez o núcleo conceptual mais importante da proposta teórica do autor — a questão do

temporalismo e do historicismo, que percorre todos os ensaios do autor; porque «abre» teoricamente para os prolegómenos de uma analítica da tecnologia contemporânea (entretanto, o autor tem continuado a apresentar e publicar outros estudos neste âmbito). «Tempo e teoria na sociologia» não se confina apenas (o que, aliás, não seria pouco) ao facto crucial de o temporalismo e o «historicismo» constituírem um problema teórico e analítico para a sociologia nem à questão de esta disciplina ter, nas últimas décadas, um problema com a teoria. A semiose inscrita num título inspirado em *The Time and Theory in Social Anthropology*, de Gellner (como assinala o autor em nota da p. 153), estabelece o efeito acumulado de a teoria ser mais do que o tempo, isto é, do que o «historicismo», o epicológico e mesmo o historicismo. «Saber é ser mais do que histórico» — é com este pensamento extraordinário de Rotenstreich que Hermínio Martins termina este ensaio. A formulação adoptada no título pode porventura reduzir o alcance deste texto para o conjunto das ciências sociais, já que, embora seja a sociologia a visada, o ensaio pode ser lido de forma proveitosa por todos os que continuam a interrogar-se sobre as circunstâncias que fundam e possibilitam cada uma das analíticas dos estudos sociais, para além da positividade do «científico». Deste texto, profundo e original, e, como é timbre do autor, salpicado de ironia, destacamos três posições que consideramos fundamentais: o diagnóstico de que o

«colapso do funcionalismo não trouxe consigo um incremento substancial no grau de temporalismo e de historicismo nos constructos teóricos da sociologia geral, mesmo se isto apareceu como um objectivo maior dos críticos do funcionalismo e um primordial critério metateórico de adequação» (p. 94); a crítica do «cesurismo» (a concepção que absolutiza a descontinuidade, a ruptura «na mudança como ‘momento’ privilegiado da experiência e cognição reflexiva») que impõe uma «tarefa maior [...] à filosofia (que) é a de explorar a lógica e a gramática dos conceitos cesuriais na grande variedade de campos de estudo onde hoje em dia correntemente floresce» (p. 152); e, numa conclusão carregada de sarcasmo sobre as peripécias da «teodiceia do positivismo» nas ciências sociais, a proposta de uma sociologia como «disciplina histórico-filosoficamente reflexiva», o que não implicaria «o relativismo histórico ou uma qualquer determinação social aniquiladora da verdade» (p. 163), mas que deveria proceder a «uma crítica de alto a baixo do ainda existente *instrumentarium* conceptual, teórico e metodológico da sociologia» (p. 159).

Referimos anteriormente que a proposta teórica defendida em «Tempo e teoria na sociologia» percorre os outros ensaios do livro. Com efeito, em «A ‘revolução’ kuhniana e a sociologia», Hermínio Martins debate longamente o início da moda das concepções cesuriais na história das ciências naturais, rebate de modo sistemático a teorização estrita e radicalmente descontínua do

processo científico e da história e, por fim, defende o não olvido do crescimento do saber em termos de adequação aproximativa à realidade que não interrompa, corte ou meramente substitua estados anteriores do conhecimento científico. Por outro lado, a perspectiva cesurial em sociologia, segundo o autor, implica a «metodolatria» associada à «sociometria», a amnésia relativamente aos «clássicos» e o consenso paradoxal e incoerente quanto à mera crítica dos modelos sociológicos do consenso. Por outras palavras, a «cesura» em ciências sociais fecha toda a possibilidade à sociologia (em bom rigor, a «cesura», ao «interromper» a história, encerra toda a história).

Os dois últimos ensaios, como se disse, são dedicados à temática da sociologia e filosofia da técnica. Partindo de elementos importantes do presente tecnológico (biotecnologias, tecnologias reprodutivas, modelo computacional da mente, etc.) — embora talvez dispersos, o que pode colocar problemas quanto ao entendimento de uma posição geral não tecnofóbica —, e tentando afastar-se das perspectivas por si designadas «prometeicas» e «faústicas» da técnica, Hermínio Martins desvela alguns dos «fios imperceptíveis» (para utilizarmos os termos de Cassirer no prólogo de *Filosofia do Iluminismo*) da teodiceia da ciência no mundo ocidental, uma vez mais evitando as armadilhas do «historicismo», do «cesurial» e do atemporalismo. Revelando-se crítico da tirania do presente das possibilidades tecnológicas e do

determinismo da plenitude técnica, afirma, no entanto, quase no fim do livro, que «[...] mesmo sob o regime da tecnociência industrializada contemporânea pode argumentar-se que as práticas discursivas que estabelecem critérios de validade no interior da comunidade científica asseguram a atribuição de racionalidade comunicativa nesse terreno» (p. 243). É deste modo que, em coerência com a crítica tecida às concepções cesuriais, Hermínio Martins tenta, por um lado, escapar à escatologia do «momento de culminação» na analítica do presente tecnológico, embora, por outro, denote uma posição claramente acusatória

da imprudência face ao destino humano com origem nas «ousadias biopolíticas» das biotecnologias.

Trata-se, sem dúvida, de uma obra importante a vários títulos. As teses e razões nela expostas invocam e merecem interpelação. Impõe-se também que, a par de outros textos já presentes na bibliografia indicada para sociologia geral, teorias sociológicas e metodologia dos cursos de sociologia e de ciências sociais, se recomende aos estudantes o estudo e discussão dos dois primeiros ensaios do livro.

*José Luís Garcia*